

> “*Welcome 2 hell*”: poesia para o caos

> “*Welcome 2 hell*”: poetry to deal with chaos

por Pedro Ernesto Freitas Lima

Professor de Pesquisa em Artes Visuais, Colaborador do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Doutor em Artes com ênfase em Teoria e História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB). Email: ped.ernesto.din@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7580-8600.

Resenha recebida em 15.11.2021 e aceita em 27.03.2022.

FICHA TÉCNICA DA OBRA

Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem

Franco Berardi

Tradução de Humberto do Amaral

São Paulo: Ubu, 2020. 256 p.

1ª Edição em 2020

ISBN: 978 85 7126 061 0

Os dois ensaios do filósofo italiano Franco Berardi publicados no Brasil sob o título *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem* (2020), testemunham as duas primeiras décadas do século XXI e refletem sobre um mundo no qual decepções oriundas da decantação de expectativas têm provocado revoltas e insurgências que, por sua vez, tornam perene nossa condição de “crise”. Diante desse mundo convulsionado, em perpétuo estremecimento diante de ameaças constantes de retrocesso em diferentes âmbitos, Berardi elege a poesia como um recurso possível para lidarmos com o presente caótico, não como um espectro messiânico salvador que o supere, mas enquanto um “ritmo” que nos permita conviver com o caos. As reflexões de Berardi interessam ao campo artístico não só devido ao seu interesse pela linguagem e pela poesia, como também devido à ênfase dada pelo autor à dimensão política e às potências das práticas artísticas para transformar realidades. Tal perspectiva é fundamental em um momento no qual o ataque às artes, à cultura e suas instituições, as tentativas de transformá-las em campos supérfluos e desnecessários, constituem estratégias preferenciais de tecnocratas e autoritários, parceiros, muitas vezes, na transformação das prioridades dos Estados, os quais passam a privilegiar a sobrevivência do capitalismo financeiro em detrimento das políticas públicas.

O primeiro ensaio, *Insurreição – poética e finanças*, foi escrito em 2011 sob o impacto de movimentos sociais que, em diferentes países, protestavam contra políticas de austeridade e contra autoritarismos: o Occupy Wall Street, a *acampada* espanhola, a “Primavera Árabe”, as contestações às imposições fiscais feitas à Grécia. Em linhas gerais, essas políticas se apoiavam em dogmas econômicos neoliberais contestáveis, superlativados na forma do capitalismo financeiro. Ignorando problemas sociais que continuam assolando grande parte da população – percepção essa expressa em slogans como o “we are

the 99%”¹ –, essas medidas se apegam a um caráter pretensamente técnico para buscar legitimar remédios amargos, associados à diminuição e precarização de direitos sociais e trabalhistas. Tal imposição tem se dado com a conivência dos Estados, os quais têm sido capturados por noções de tecnicidade e de “governança tecnolinguística” empresarial, que solapam a ideia de políticas públicas e disseminam a impressão de que libertam cidadãos e cidadãs dos “fardos” do Estado, dos governos e dos políticos. A liberdade afirmada pela “desregulamentação” neoliberal traduz-se, de fato, na submissão aos “automatismos tecnolinguísticos”. A técnica, a objetividade, os algoritmos têm substituído a política, o debate público, as negociações, enfim, a sensibilidade.

Diante desse contexto, Berardi estabelece os termos dos quais se ocupará nos dois ensaios que integram a publicação: linguagem, poesia e desautomação. Seu debate parte do problema oriundo do “efeito de desterritorialização que separou as palavras dos referentes semióticos e o dinheiro das mercadorias”², promovido pela virtualização – do trabalho, da economia, da vida – que substitui a experiência direta com corpos e coisas pela experiência mediada pela tela e pelos algoritmos. Diante desses efeitos, o autor propõe diagnósticos, lançando mão de conceitos e de operações, sobretudo, marxistas, da psicanálise e da semiótica. Em seguida, como alternativa para esses diagnósticos, Berardi propõe como a poesia, lançando mão da linguagem e do excesso, pode impedir a redução da nossa experiência à automatização, a qual nos impossibilita imaginar e inventar futuros.

Berardi entende que o atual estágio do capitalismo se caracteriza pela financeirização e virtualização da economia, o que significa dizer que está em curso

um processo de subsunção dos processos de comunicação e de produção à máquina linguística. Invadida por um fluxo semiótico imaterial, a economia foi transformada em um processo de trocas linguísticas; ao mesmo tempo, a linguagem foi capturada pela máquina digital-financeira e transformada em uma recombinação de segmentos operacionais conjuntivos [...] cuja missão é fazer o mundo secar até a última gota³.

¹ O slogan “we are the 99%” foi popularizado midiaticamente pelo movimento Occupy Wall Street (Nova York, 2011), o qual pretendeu evidenciar o fosso existente entre a maioria da população mundial – os dito “99%” – e uma minoria concentradora de renda e de direitos, o “1%”. Para discussões sobre as estratégias e contradições desse movimento e sua contextualização diante de outros eventos semelhantes contemporâneos a ele, cf. SILVA, Nara Roberta. Considerações sobre as estruturas de um movimento sem estruturas: o caso do Occupy Wall Street. In: 42º Encontro Anual da ANPOCS, 2018, Caxambu (MG). *Anais*. Caxambu: ANPOCS, 2018.

² Franco Berardi, *Asfíxia*, 2020, p. 28.

³ *Ibidem*, p. 27.

Entre os efeitos produzidos por esse processo, e que constituem operações chave do capitalismo financeiro, estão o sentimento de culpa, incompetência e de tempo “perdido”, e a reterritorialização da violência e da identidade, noção problemática que merece debatermos.

O sentimento de culpa e incompetência decorre da imposição da “dívida”, isto é, da “submissão da comunicação social à cadeia algorítmica financeira”⁴. Aqueles que não se submetem a essa “matematização da linguagem” e que “teimam” em não substituírem os políticos pelos técnicos são levados a se perceberem como incompetentes. Berardi propõe que o enfrentamento e a superação dessa culpa imposta, de modo a reativar o corpo social, sejam dados na forma de “calote”, uma ação poética baseada no excesso da linguagem que “significa a renúncia ao código econômico do capitalismo como transliteração da vida real, como semiotização da potência e das riquezas sociais”⁵.

Questionando a percepção de que o capitalismo estaria em crise, o autor argumenta que aquilo que, a princípio, o condenaria passou a ser operado para garantir sua própria existência. A necessidade de aumento da produtividade exigiu máquinas e atenções mais céleres. Entretanto, no caso da cognição humana, a impossibilidade de lidar com essa aceleração produziu uma inflação de sentidos, algo próximo do que Joël Candau denominou como iconorrea: a profusão de conteúdos dificulta a assimilação dos mesmos.⁶ Isso significou a oportunidade de operar com o controle da atenção. Berardi menciona o ex-presidente norte-americano George W. Bush (2001-2009) como emblema desse processo, como o “médico louco” que tratou a exaustão e a depressão dos trabalhadores cognitivos com uma “terapia anfetamínica” da “guerra infinita”. Nessa guerra, não interessa a vitória ou a derrota, mas a produção de um grande volume de imagens e signos, a partir de uma infosfera acelerada, cujo objetivo não era a reflexão e o entendimento, mas a produção do medo e da tolerância ao fascismo reincidente.

Essa aceleração da infosfera, ao também demandar a aceleração da atenção, junto da “hiperabstração digital-financeira”, distancia corpos e altera nossa relação afetiva com o corpo social e com o mundo. O trabalho à distância

⁴ *Ibidem*, p. 33.

⁵ *Ibidem*, p. 52.

⁶ Joël Candau, *Antropologia da memória*, p. 73.

minaria noções como amizade e solidariedade, por sua vez nutridas pelo convívio presencial.

Feito esses diagnósticos, o autor apresenta duas importantes categorias empregadas para organizar sua argumentação acerca das relações entre indivíduos: a conjunção, relativa ao devir outro, à ambiguidade e ao excesso; e a conexão, expressa na interação funcional e na eficiência demandadas pela infosfera. A automatização da comunicação e a exigência da eficiência – aquilo que nos redime da “culpa” – privilegia trocas entre aqueles que compartilham da mesma linguagem. Isso significaria a repressão da sensibilidade, da diversidade, a impossibilidade de harmonizar com o rizoma. Para o autor, esse é “o núcleo da reformatação cognitiva que está em curso”⁷.

O enfrentamento do empobrecimento produzido pela primazia das relações conectivas pode se dar por meio da arte e da poesia, assim como pela ciência e pela política, as quais emancipam o signo em relação à função referencial. Corroborando o filósofo Ludwig Wittgenstein, Berardi acredita que a extensão das palavras, do mundo, relaciona-se com a potência da linguagem. Atos de linguagem que questionam os automatismos técnicos privilegiados pelo capitalismo financeiro podem nos levar a ver e imaginar outras condições humanas, para além da barbárie e da violência. Distinguindo do cinismo – adesão conformista aos poderes, reação ressentida à perda de uma fé –, o autor destaca a ironia, entre outros tropos possíveis, como um importante modo de “calote semiótico”, isto é, de embaralhamento de sentidos e de libertação da linguagem de qualquer noção de verdade.

O segundo ensaio, *Respiração – caos e poesia*, escrito em 2018, retoma e amplia algumas noções do ensaio anterior. Ciente da impossibilidade de definir o que a poesia “é”, o autor propõe, a partir da semiótica, afirmar o que ela pode “fazer”, enquanto “ato de fazer experiência com o mundo pelo embaralhamento dos padrões semióticos”⁸.

O caráter de movimento perpétuo, de oscilação e ritmo que o autor compreende constituir a poesia se assenta em diferentes referenciais, entre eles a ideia de “caosmose” de Félix Guattari – “o processo de reequilibrar a osmose entre a mente e o caos”⁹ – e a concepção de poesia enquanto “vibração linguística”

⁷ Franco Berardi, *Op. Cit.*, 2020, p. 99.

⁸ *Ibidem*, p. 141.

⁹ *Ibidem*, p. 142.

de Friedrich Hölderlin. Ao retomar seu argumento de que nossa atenção não é capaz de criar sentido a partir do fluxo rápido de informações que nos é imposto, explicitando tratar-se aqui da condição de “caos”, Berardi sugere um desvio, da concentração e do fluxo para a respiração. A ideia de poesia adquire novas nuances: além de representar um “calote” à matematização do mundo, ao excesso de ordem e ao consequente empobrecimento da sensibilidade e da experiência, sua maleabilidade também pode ser empregada para lidarmos com o caos.

Fenômenos como o trumpismo e suas “*shitstorms*”, o Brexit e suas análises sobre as crises da “branquitude” norte-americana, representadas nos romances de Jonathan Franzen, levam Berardi a fazer considerações sobre identidade e violência que podemos questionar. Ao conceber o “fascismo pós-moderno” como um movimento identitário, isto é, uma reafirmação agressiva de um corpo que perdeu a “fé na universalidade da razão”, o autor não pondera a multiplicidade de sentidos, desejos e espessuras históricas, culturais e econômicas expressas nas diversas reivindicações identitárias. Em sua perspectiva, as operações identitárias de raça, nação e religião aparecem de modo indistinto ao produzirem um “frenesi [...] que devasta a organização política da civilização humana”¹⁰.

Tal afirmação ecoa a identidade como “armadilha” discutida por Asad Haider (2019). Em sua perspectiva, a identidade como política nos sujeita ao Estado e nos distancia de um projeto emancipatório, o que é demonstrado em seus vários exemplos nos quais, de acordo com sua interpretação, a diferença racial eclipsa mobilizações de classe. Entretanto, Haider avança em um sentido distinto daquele de Berardi ao lançar mão de uma proposição de Paul Gilroy, o “universalismo estratégico”, e com isso identificar uma estratégia que consiste em um meio termo entre as organizações de classe, baseadas no marxismo clássico, e as organizações identitárias¹¹. Desse modo, podemos afirmar que Haider nos oferece uma perspectiva com mais nuances, desdobrada em relação a de Berardi, a qual parece confundir, de modo perigoso, identidade, fundamentalismo, autoritarismo e retrocesso.

Feitas essas considerações, não seria uma qualidade positiva das identidades, bem como de suas políticas e estratégias, repensar epistemes hegemônicas eurocentradas que fundamentam nossa sociedade ocidental? Em nossos dias, não é muito exigir que coloquemos termos e instituições como

¹⁰ *Ibidem*, p. 173-174.

¹¹ Asad Haider, *Armadilha da identidade*, 2019, p. 35; 67-68; 148.

“civilização” e “política”, junto às noções de “verdade” e “objetividade” herdadas da modernidade, entre “parênteses”, como propõe Walter Mignolo¹², e que pensemos sobre a colonialidade que os engendrou e que opera através deles. Afirmar que as mobilizações identitárias representariam um “frenesi”, um desvario que segrega, contraria as possibilidades e potências da ideia de “conspiração” – a respiração em conjunto –, termo que Berardi emprega como título da segunda parte desse segundo ensaio, onde se dá essa discussão.

A noção de “conspiração” é retomada para tratar de outro evento que ameaça as relações conjuntivas, a saber, as pandemias. Ao falar sobre sua experiência com a pandemia da AIDS em Nova York nos anos 1980, Berardi ressalta como o medo do retrovírus e, conseqüentemente, do contato humano, desestabilizou um processo fomentado pelo prefeito Ed Koch de facilitar a instalação de artistas e jovens nos bairros do centro da cidade e transformá-los em locais de criatividade, experimentação e de trocas culturais. O erótico, a amizade, o convívio corpóreo, a conspiração foram substituídos pelas relações incorpóreas, pela conectividade, pela privatização, causadas por uma pandemia também psicomidiática que teve, entre seus efeitos, o medo e a depressão. Eis aqui outro conceito fundamental para compreendermos a poesia enquanto expressão do desejo que tensiona e movimenta a linguagem e, conseqüentemente, os sentidos:

A depressão pode ser descrita como uma condição em que, ao deixar de inserir o desejo na vida diária, o organismo consciente perde sua capacidade de encontrar sentido no mundo que o rodeia. [...] O desejo é a energia que permite essa atividade contínua de interpretação. O sentido é o efeito da comunicação afetiva entre agentes e linguagens. Como o sentido surge na dimensão da conjunção afetiva, a possibilidade de trocas significativas se dissolve rapidamente quando a comunidade de corpos se desagrega. Esse é o ponto de partida para a depressão¹³.

Em comum, pandemias e a conectividade, aprofundadas pelo capitalismo financeiro virtualizado, enclausuram. Conseqüentemente, contribuem para a depressão e para o empobrecimento no uso da linguagem ao criarem “condomínios fechados mentais”, produtores de visões de mundo e expectativas que, ao serem contrariadas por notícias e eventos da “realidade”, desestabilizam e provocam ansiedade.

Finalmente, diante desse cenário de caos presente, da constatação de nossa chegada ao inferno, Berardi propõe a ética da “humildade”,

¹² Walter Mignolo, *The darker side of western modernity*, 2011, p. 52.

¹³ Franco Berardi, *Op. Cit.*, p. 181.

redimensionada em relação ao seu contexto religioso original, compreendida como “reconhecimento dos limites intrínsecos da potência humana, [...] uma forma de lidar com a exaustão da potência moderna, que em essência foi sempre uma ilusão de governo do caos”¹⁴. A poesia, a arte, o “calote semiótico”, enquanto estratégias para lidar com a destruição da sensibilidade promovidos pela automatização e pelo caos, a busca pelo “ritmo” e pela possibilidade de respirar e de conspirar, em síntese, têm como preocupação a produção de sentido, a manutenção do desejo. A significação e as ilusões compartilhadas funcionam como pontes sobre os abismos da ausência de sentido. Compartilhar ilusões por meio da arte, da amizade, dos movimentos sociais, das relações conjuntivas, é a ação que pode transformá-las em algo concreto, em realidade. Em acréscimo à proposta de Berardi, esperamos que esse porvir não exclua as singularidades daqueles que foram historicamente subalternizados, e que suas perspectivas identitárias não sejam confundidas com fundamentalismos e autoritarismos.

Referências

BERARDI, Franco. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

CANDAU, Joël. *Antropologia da memória*. Tradução de Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. Tradução de Leo Vinicius Liberato. São Paulo: Veneta, 2019.

MIGNOLO, Walter. *The darker side of western modernity*. Durham e Londres: Duke University Press, 2011.

SILVA, Nara Roberta. Considerações sobre as estruturas de um movimento sem estruturas: o caso do Occupy Wall Street. In: 42º Encontro Anual da ANPOCS, 2018, Caxambu (MG). *Anais*. Caxambu: ANPOCS, 2018.

Referência para citação desta resenha

LIMA, Pedro Ernesto Freitas. “Welcome 2 hell”: poesia para o caos. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 1, p. 381 – 388, setembro de 2022.

¹⁴ *Ibidem*, p. 228.